

EM BUSCA DE UM LUGAR NA NOVA ORDEM MUNDIAL: A RÚSSIA, O ESPAÇO PÓS-SOVIÉTICO E O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO

In search of a place in the new world order: Russia, the post-soviet space and the Russian geopolitical thought

En búsqueda de un lugar en el nuevo orden mundial: Rusia, el espacio postsoviético y el pensamiento geopolítico ruso

Gustavo Glodes Blum¹

Julia Jacichen²

Resumo

O presente artigo tem o intuito de analisar a geopolítica da Rússia ao longo do período do pós-Guerra Fria, verificando quais teriam sido as principais dificuldades enfrentadas pelo país após a dissolução da antiga União Soviética e quais foram os meios utilizados pela mesma na tentativa de recuperar o seu poder e influência no cenário internacional. Pretende-se aqui também demonstrar de que modo o cenário geopolítico pós-soviético e a busca pela reinserção internacional teriam aberto caminho para o surgimento de novas escolas do pensamento geopolítico russo, as quais, utilizando-se muitas vezes de princípios do pensamento geopolítico clássico, procuraram identificar os melhores rumos a serem seguidos pelo país no intuito de retomar o seu status de grande potência. Por fim, procura-se identificar o que haveria mudado na Rússia após a chegada de Vladimir Putin e de Dmitri Medvedev à presidência e busca-se também verificar de que modo as características das novas teorias geopolíticas russas podem ser identificadas nos rumos adotados pela política externa do país durante os períodos de governo desses dois presidentes.

Palavras-chave: Geopolítica, Rússia, União Soviética, Guerra Fria.

Abstract

This article aims to analyze the geopolitics of Russia during the post-Cold War period, verifying what would have been the main difficulties faced by the country after the dissolution of the former Soviet Union and what were the means used by it in the attempt to regain their power and influence in the international arena. It is intended here also demonstrate how the post-Soviet geopolitical scene and the search for international reintegration would open the way for the emergence of new schools of Russian geopolitical thinking, which, often using principles of classical geopolitical thinking, tried to identify the best course to be followed by the country in order to regain its great power status. Finally, it's intended to identify what was changed in Russia after the arrival of Vladimir Putin and Dmitri Medvedev to the presidency and it also seeks to verify how the characteristics of the new Russian geopolitical theories can be identified in the course adopted in the foreign policy in the country during periods of government of the two presidents.

Keywords: Geopolitics, Russia, Soviet Union, Cold War.

¹Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR/2015). Especialista em Gestão de Projetos pela FAE Business School (2012) e Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA/2010). Professor Assistente do UNICURITIBA, atuando nos cursos de graduação em Relações Internacionais e Administração, com ênfase na área de Geografia Política, Geopolítica e Política Internacional Contemporânea. E-mail: blum.gustavo@hotmail.com

²Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA). E-mail: julia_jacichen@hotmail.com

Resúmen

El presente trabajo pretende analizar la geopolítica de Rusia al largo del periodo del post-Guerra Fría, verificando cuáles han sido las principales dificultades enfrentadas por el país después de la disolución de la antigua Unión Soviética y cuáles han sido los medios utilizados por ella en su intento de recuperar su poder e influencia en el escenario internacional. Se pretende, también, demostrar en qué maneras el escenario geopolítico post-soviético y la búsqueda por la reinsertión internacional han abierto el camino para el surgimiento de nuevas escuelas del pensamiento geopolítico ruso, la cuáles, utilizando-se muchas veces de principios del pensamiento geopolítico clásico, intentarían identificar los mejores caminos a ser seguidos por el país en su intento de retomar su status de gran potencia. Por fin, se busca identificar qué había cambiado en Rusia después de la llegada de Vladimir Putin y Dmitri Medvedev a la presidencia y se busca, también, verificar de qué modo las características de las nuevas teorías geopolíticas rusas pueden ser identificadas en los rumos adoptados por la política externa del país durante los periodos de gobierno de esos dos presidentes.

Palabras clave: Geopolítica, Rusia, Unión Soviética, Guerra Fría.

INTRODUÇÃO

Ao final da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética se tornou, juntamente com os Estados Unidos, umas das maiores potências Mundiais. A disputa entre os dois países pelo poder e pela influência nas várias regiões do globo gerou o conflito conhecido como Guerra Fria, no qual se verificou uma divisão do mundo em dois polos distintos de poder, sendo um deles capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e outro socialista, encabeçado pela União Soviética.

Após a dissolução da URSS, o sistema bipolar existente na Guerra Fria foi substituído por uma nova realidade geopolítica, na qual os Estados Unidos ascendem como uma potência hegemônica no cenário mundial e a Rússia perde o seu status de superpotência, passando a enfrentar sérios problemas políticos e econômicos e tendo que lidar com os conflitos existentes entre os países que antes compunham a antiga União Soviética.

Com bases nesses acontecimentos, a Rússia passou a procurar formas de se reposicionar no sistema internacional e de recuperar a sua influência sobre os países que antes pertenciam ao espaço soviético, visto que parte deles estava se aproximando da União Europeia e da Organização do Atlântico Norte (OTAN). Este artigo pretende então abordar a geopolítica da Rússia no período do pós-Guerra Fria, verificando quais foram os meios utilizados pelo país para tentar recuperar o seu poder no cenário internacional, bem como quais foram as dificuldades enfrentadas pelo mesmo no caminho para a realização deste objetivo.

Ao longo deste artigo, analisaremos de que forma as ideias geopolíticas clássicas e o cenário geopolítico existente após a queda da União Soviética influenciaram no

surgimento das novas escolas do pensamento geopolítico russo. Além disso, discorreremos a respeito das características dessas novas escolas, falaremos sobre seus principais idealizadores e então analisaremos de que modo os preceitos desses novos pensamentos geopolíticos podem ser identificados na condução da política externa russa.

O DESMANTELAMENTO DA UNIÃO SOVIÉTICA

Ao final dos anos de 1989 e início de 1990, a URSS enfrentava um período de forte turbulência. O quadro de crise em que se encontrava o bloco aumentava cada vez mais e as iniciativas realizadas para conter a situação não surtiam os efeitos desejados. As filas e os preços aumentavam desenfreadamente, o abastecimento se tornava mais difícil, os problemas com as nacionalidades aumentavam e ocorria uma desarticulação do sistema econômico integrado ao passo em que as diversas regiões passavam a atuar de modo independente na cadeia produtiva e aplicavam políticas restritivas em relação à circulação de mercadorias deficitárias para fora de suas fronteiras (SEGRILLO, 2000).

Ao longo de 1991, verifica-se também a eclosão de diversos conflitos interétnicos e de movimentos separatistas, os quais dificultavam o abastecimento das regiões envolvidas e com isso contribuíam fortemente para uma piora ainda maior no desempenho econômico soviético, que se tornou negativo, chegando a -4% e atingindo uma taxa de inflação de 14%. Portanto, além dos problemas econômicos, ocorre durante o primeiro semestre deste ano uma busca por maiores poderes por parte das repúblicas soviéticas, as quais já haviam declarado unilateralmente neste período a sua independência, como foi o caso da Estônia, Lituânia e Letônia, ou sua soberania em relação à URSS (Ibid.,2000).

Após a queda do regime soviético, a Rússia ingressou em uma fase caracterizada como a *ilusão liberal*. Neste período, o país passou a enfrentar uma grave crise cultural, que, no âmbito da política externa, se definia como uma subserviência às potências ocidentais, as quais seriam vistas pelas lideranças políticas como avançadas e fontes de apoio à uma Rússia bárbara e atrasada (REIS FILHO, 2007). Além disso, a situação política e econômica russa não era nada animadora. Em razão da eclosão dos movimentos separatistas no antigo espaço soviético, surgiram sérios problemas na cadeia produtiva da região, visto que esta costumava possuir um forte nível de integração, pois se tinha uma elevada especialização por parte das repúblicas na produção de diversos produtos, sendo esses responsáveis por abastecer toda a União (SEGRILLO, 2000).

Neste período, o Estado soviético e sua capacidade institucional acabaram ficando enfraquecidos, em decorrência da perda de arrecadação fiscal visualizada no período, causada pela recessão e desordem econômica provenientes do processo de transição, e também dos problemas enfrentados em suas relações com o mercado externo, os quais se deram em razão da total abertura da conta de capital do país, em que ocorreu uma transferência do controle de setores estratégicos russos para as mãos de empresas estrangeiras, em grande parte europeias. Ademais, visualizou-se uma grande fuga de capitais ao longo desta época, o que acabou por deflagrar na crise da dívida externa russa de 1998 (MAZAT; SERRANO, 2012).

Durante o governo de Yeltsin, a Rússia teria se submetido a praticamente todas as exigências impostas pelo ocidente, como, por exemplo, o abandono de sua zona de influência na Europa Central e no Leste Europeu com a retirada de suas tropas da região, o que acabou abrindo caminho para a integração desses países com a OTAN e com a União Européia. Tinha-se como objetivo por parte dos países ocidentais criar uma “zona tampão” em torno da Rússia, fato que se daria com a integração dos países antes pertencentes ao espaço soviético com esses blocos, de modo a minimizar cada vez mais o poder geopolítico russo na região. Deste modo, a Rússia foi impossibilitada no período de garantir os seus objetivos de impedir o alargamento da OTAN e de construir um espaço de segurança na região que pertencia a URSS (Ibid, 2012).

Em um segundo momento, optou-se pelo uso de políticas mais pragmáticas, mas não houve um abandono do objetivo de instaurar no país uma economia de mercado. De modo a modificar de forma rápida o antigo sistema e proporcionar a adoção de uma economia de mercado, foi adotada na Rússia uma estratégia classificada como neoliberal, a qual abrangia uma política de liberalização total de preços, uma política fiscal e monetária rigorosas e a privatização da propriedade estatal (MIKHAILOVA, 2014). Esta privatização, que haveria ocorrido muito rapidamente e em meio a um ambiente crítico, com corrupção crescente, desmonetização da economia, pauperização de grande parte da população e aumento da criminalidade, teria proporcionado o surgimento de uma pequena classe oligárquica, a qual passou a exercer um grande controle sobre o país, ao passo em que, na maior parte dos casos, detinha o controle grandes empresas exportadoras de matérias-primas, bancos e a mídia (COLIN, 2007; MIKHAILOVA, 2014).

A implantação da política de rápida transição ao capitalismo ocasionou resultados catastróficos. O nível de preços no período aumentou de forma brutal, estando em dezembro trinta vezes maior do que o registrado em janeiro. Houve um declínio ainda

maior da atividade industrial e os investimentos reduziram-se fortemente. Ocorreu a invasão do mercado russo por produtos estrangeiros, os quais tinham um grau de competitividade muito maior do que os produtos nacionais. O desemprego aumentou e passou a atingir grande parte da população e não se observou a criação de serviços de apoio social. Além disso, ocorre em dezembro de 1994 um evento que abalaria fortemente o prestígio da Rússia tanto nacional quanto internacionalmente, tem-se o início da guerra da Chechênia (SEGRILLO, 2000).

Em razão da incapacidade de Yeltsin de criar uma sociedade democrática e liberal durante seu governo e de reverter a crítica situação econômica enfrentada pela Rússia, visualizou-se no final de seu governo uma situação de descrença em relação aos ideais liberais democráticos, o que acaba levando à sociedade a aspirar por um líder forte, de caráter mais autoritário (COLIN, 2007). Em razão desse ambiente de crise em que se encontrava a Rússia após o desmembramento da URSS, passam a surgir no país novas escolas de pensamento geopolítico que têm a intenção de definir qual seria o melhor caminho a ser adotado pela Rússia na tentativa de se recuperar interna e externamente e também passa a se aspirar por um líder forte e capaz de restaurar a ordem no país, o que facilita para que, a partir da renúncia de Yeltsin à presidência, chegue ao poder o primeiro-ministro e ex-funcionário da KGB, Vladimir Putin..

O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO PÓS-SOVIÉTICO

A dissolução da União Soviética e os anos iniciais da recém formada Federação Russa haveriam criado uma catástrofe psicológica na população russa, tanto no que concerne à elite quanto no que diz respeito às classes mais baixas. Tendo-se em vista que os russos já estavam acostumados com a visão de seu país como um grande império e, posteriormente, como uma superpotência, teria sido difícil para a população se acostumar com a ideia de que agora o país era apenas uma potência regional na política mundial. De acordo com Vladimir Shlapentokh, essa situação psicológica poderia ser definida como a “grande síndrome” (SHLAPENTOKH, 2002 *apud* ERŞEN, 2005, p.31). Para Erşen (2005), quais sejam as razões para o surgimento dessa síndrome, o importante é entender que a mesma teve grande influência na re-emergência de um novo tipo de ideia nacional russa/eurasiana com ênfase na visão de Halford John Mackinder³ sobre o mundo em que vivemos.

³ Geógrafo Inglês formulador da teoria do poder terrestre, a qual acreditava que a disputa pelo poder na esfera internacional ocorreria entre as potências marítimas e terrestres. Além disso, o mesmo atribui grande

De acordo com Marcu (2007), a queda do império soviético e o vazio geopolítico que a teria sucedido definiram o surgimento de quatro tipos de conflitos geopolíticos na região da antiga URSS. O primeiro tipo de conflito seria o étnico, ao que se somam as tensões geopolíticas manifestadas na região do Cáucaso, da Moldávia e do Tadjiquistão. O segundo tipo de conflito estaria relacionado às disputas pelo controle de recursos energéticos e econômicos, as quais tiveram início, primeiramente, na região do Mar Negro e Cáspio. O terceiro tipo, por sua vez, está ligado à violação de direitos humanos ocorridas principalmente nas ex-repúblicas soviéticas, nas quais o poder ditatorial continuou sendo utilizado por parte dos dirigentes locais e, por fim, o quarto tipo refere-se às fronteiras mais adiantes do espaço soviético, em que se observa o tráfico de drogas e o trânsito de imigrantes ilegais.

Após a queda da União Soviética, a Rússia, além de perder parte de seus territórios, de sua população e de seus recursos, teria também perdido a sua identidade imperial. A queda do bloco soviético resultou em uma forte mudança nas dinâmicas geopolíticas da região, ao passo em que as fronteiras antes existentes passaram a inexistir. Em razão desta situação, emergiram na Rússia novas escolas de pensamento geopolítico com o objetivo de reencontrar o lugar que deveria ser ocupado pelos russos na nova ordem mundial. Essas escolas, possuindo características das tradições de pensadores políticos clássicos, como os realistas, os racionalistas e os revolucionários, possuíam diferentes visões acerca de qual deveria ser o caminho tomado pela Rússia na busca por sua recolocação no cenário internacional (Ibid, 2007).

O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO NO PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA

Martín Wight (1991), baseado nas ideias de teóricos políticos clássicos, como Maquiavel, Hugo Grócio e Kant, definiu que haveriam três tradições distintas de pensadores: os realistas, que são aqueles que enfatizam e se concentram no aspecto da anarquia internacional, no qual a rivalidade e o conflito entre os Estados seria inerente às suas relações; os racionalistas, que são os que se focam principalmente no aspecto do diálogo e das relações entre os Estados; e os revolucionários, que são aqueles que destacam o aspecto da unidade moral da humanidade (WIGHT, 1991 *apud* JACKSON; SØRENSEN, 2013).

importância ao que é designado por ele como “Heartland”, ou, região pivô, a qual dizia respeito ao núcleo do continente eurasiático, sendo que para ele, quem dominasse essa região seria capaz de dominar o mundo (VILLA, 2000).

Com base nessas três tradições das relações internacionais e no quadro geopolítico em que se encontrava a Rússia após a dissolução da União Soviética, pode-se dizer que teriam surgido no país ao menos três escolas de pensamento geopolítico, sobre as quais falaremos nesta seção: a internacionalista-idealista; a realista; e a do expansionismo revolucionário. (MARCU, 2007). Cada uma dessas escolas possuía a sua própria visão sobre a Rússia e sobre quais deveriam ser os caminhos a serem escolhidos pelo país na busca por sua reinserção na esfera internacional. A seguir, por tanto, veremos as principais características de cada escola, bem como seus principais pensadores.

O pensamento internacionalista-idealista teve seu surgimento durante a década de 90, sendo a sua doutrina associada ao “novo pensamento” de Mikhail Gorbachev. Este tipo de pensamento era apoiado pelo Ministro de Relações Exteriores Eduard Sevarnadze, influente na Rússia Soviética durante o período de 1987-1990 (Ibid, 2007). Dentre as concepções adotadas por Gorbachev neste momento, está a ideia de que as relações de Moscou com outros Estados deveriam estar subordinadas à tarefa de modernização da economia⁴ doméstica do país. Segundo Sevarnadze em um discurso proferido à comunidade diplomática soviética em junho de 1987, “(...) nós sempre devemos buscar limitar e reduzir a rivalidade militar, eliminar as características conflitivas nas relações com outros Estados, e suprimir situações de conflito e de crise” (LYNCH, 1988, p.41, tradução nossa).

Segundo Lynch (1988), Gorbachev também teria percebido neste período que um ambiente internacional favorável só pode ser criado com base em uma acomodação política, ou seja, com o abandono de uma política competitiva com os países dominantes, principalmente os Estados Unidos, que se mantêm sendo o foco da política externa soviética. Após o colapso da União Soviética, os novos líderes aceitaram as premissas desse “novo pensamento”. O primeiro ministro das relações exteriores durante o governo de Boris Yeltsin, Andrey Kozyrev (1991-1996), foi o principal ideólogo dessa escola, sendo Yeltsin e seu gabinete de ministros os seus principais suportes nesta corrente. Neste momento, a política externa do país adquire um caráter mais dependente dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, situação que pode ser percebida com a sua adesão por vontade expressa à OTAN e às outras instituições de alianças democráticas (GASPAR, 2004).

⁴ O conceito de modernização econômica aqui utilizado seria referente ao desenvolvimento econômico em si, visto que no período de Gorbachev não se tinha como foco somente fazer a economia crescer, mas sim fazer com que ela se desenvolvesse também. Isso pode ser percebido ao passo em que Gorbachev teria substituído o modelo de produção extensivo pelo modelo intensivo, que tinha como base o aumento de produção decorrente da utilização de novas tecnologias nas fábricas existentes no país (SEGRILLO, 2000).

Os idealistas consideravam que, de modo geral, o mundo era um local amistoso e favorável à Rússia, sem mostrar ameaça à segurança internacional russa. Deste modo, a cooperação internacional se mostrava como a única forma possível de defender a segurança nacional, visto que para os idealistas o perigo se encontrava no interior do país e não fora dele (FURMAN, 1995 apud MARCU, 2007). Na visão desses pensadores, a Rússia deveria manter o foco em seus problemas internos, como o declínio econômico, o crime organizado, a deterioração ambiental, nacionalismo e separatismo, temas os quais eles consideravam muito mais importantes do que o alargamento da OTAN. Eles propuseram que a diplomacia russa deveria se focar não na resistência à expansão da OTAN, mas sim no diálogo com a mesma sobre o desarmamento e a construção de uma confiança mútua (CHURKIN, 1995 apud SERGOUNIN, 2009).

No caso da escola realista russa, verifica-se uma grande influência do pensamento russo pré-soviético sobre a mesma, visto que grande parte de suas preocupações estão atreladas à importância do poder como forma de controle e dominação nos conflitos ao invés da cooperação no cenário internacional. Durante a década de 90, os grandes teóricos desta corrente afirmavam que o Estado não dispunha de recursos econômicos e militares suficientes para possuir influência geopolítica sobre locais mais distantes, deste modo, era necessário que a Rússia se concentrasse na realização de um balanceamento de poder (MARCUS, 2007).

Os realistas russos no geral são céticos em relação à globalização e acreditam que as suas implicações para a política internacional são superestimadas. Para grande parte desses teóricos, a globalização é vista basicamente como a militarização do sistema internacional e a emergência de padrões de controle político e dominação que perpassam fronteiras, mas eles rejeitam a concepção de que a globalização viria acompanhada de um maior senso de comunidade (SERGOUNIN, 2005). Além disso, esses pensadores tendem a interpretar o processo de globalização como uma “americanização” do mundo, sendo ela e a governança global uma manifestação da eterna rivalidade geopolítica entre a Rússia e o Ocidente (Ibid, 2005).

A escola do Expansionismo Revolucionário posiciona-se na extrema direita da política russa, tendo seus ideais baseados em doutrinas radicais de política exterior, como, por exemplo, na ideia da criação de uma União Eslava, em razão de sua percepção exacerbada do risco proveniente de ameaças externas. Os teóricos deste pensamento, acreditam que a expansão externa seria o meio mais adequado para que a segurança russa pudesse ser garantida (MARCUS, 2007).

Para eles, somente os princípios das escolas geopolíticas clássicas podem explicar as mudanças que teriam ocorrido no sistema internacional. Além disso, esses pensadores continuam acreditando que o mundo estaria dividido entre dois polos de poder, que seriam compostos, de um lado, pelos Atlantistas, que seriam as potências marítimas, e, do outro, pelos Eurasiáticos, que seriam as potências terrestres. Em razão desta situação, seria necessário o estabelecimento de alianças com países como a Alemanha e a França, de modo que se tornasse possível confrontar os Estados Unidos e a Inglaterra, os quais seriam considerados como “inimigos naturais”, ao passo que se encontram em polos opostos. Para eles, também se faria necessário uma reorganização do território russo no interior da Eurásia e a absorção de mais territórios para além da CEI, de modo a garantir a própria segurança e a sobrevivência russa, visto que as mesmas estariam intimamente atreladas à expansão territorial, em razão da possibilidade de obtenção de maiores recursos e da proteção às fronteiras russas. (Ibid., 2007).

A partir dessas três vertentes do pensamento geopolítico do período pós-Guerra Fria, nas quais se verificam diferentes percepções tanto no que tange ao sistema internacional quanto ao modo pelo qual a Rússia deve se portar dentro dele, verificou-se o compilamento dessas escolas em duas outras principais: a ocidentalista e a eurasiologista, das quais serão abordadas a seguir.

AS ATUAIS ESCOLAS DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO

De acordo com Santos (2008), existem atualmente na Rússia duas correntes distintas de pensamento geopolítico: os internacionalistas liberais, ou “ocidentalizadores”, e os eurasiologistas⁵. Os pensadores pertencentes ao primeiro grupo, como Gorbachev, Kozyrev, Yeltsin e Trenin, acreditam que os valores ocidentais do pluralismo e da democracia seriam universais e, portanto, perfeitamente aplicáveis à Rússia. Já os eurasiologistas, como Alexander Dugin, Zhirinovskiy, Zyuganov e Solzhenitsyn seguem uma linha de pensamento de tendência mais nacionalista, ao passo em que identificam a Rússia como Estado forte e dominante na região da Eurásia, em razão de suas particularidades históricas, geográficas, culturais e psicológicas.

⁵ Corrente também designada por alguns autores como Erşen (2004) como sendo um “Novo Eurasianismo”, o qual teria surgido entre os anos de 1980 e 1990 como forma de oposição às políticas adotadas por Gorbachev e à política externa pró-Estados Unidos adotada por Boris Yeltsin em seus primeiros anos de governo.

Ao contrário dos eurasianistas, os pensadores ocidentalistas adotam uma política pró-ocidental. O principal teórico da escola russa ocidentalista russa é Dimitri Trenin. Sua linha de pensamento se baseia nas ideias de alguns geopolíticos americanos e britânicos como Colin Gray, Richard Pipes, Henry Kissinger e Zbigniew Brzezinski. Sua principal tese é a de que o papel central da Rússia no território da Eurásia teria deixado de existir. Por esta razão, a Rússia deveria procurar desenvolver uma identidade puramente europeia, como foi feito por outros países ocidentais. Para ele, a alternativa existente à ocidentalização significa uma gradual dissolução do Estado Russo (MARCUS, 2007).

Segundo Marcus (2007), Trenin acredita que, se a Rússia quiser “ter um futuro”, é essencial que a mesma reconheça o papel predominante dos Estados Unidos, aceite o seu papel reduzido no cenário global e procure se integrar à civilização ocidental. Além disso, a Rússia teria que se focar em solucionar os problemas políticos, étnicos, econômicos e territoriais dentro de seu país, sem ter planos em exercer um papel influente na Eurásia, visto que para ele o mesmo não existiria mais.

Já os eurasianistas, de acordo com Erşen (2004), têm como premissa básica a ideia de que a Rússia deveria retomar o status como uma grande potência internacional, além de se tornar o centro de oposição ao unilateralismo americano na política mundial. Utilizando-se das ideias de Mackinder sobre a incompatibilidade dos impérios marítimos e terrestres, para esses pensadores, seria inevitável uma guerra entre o império Atlântico, liderado pelos Estados Unidos e o império Eurasiano, liderado pela Rússia.

Assim como alguns importantes geógrafos de sua época, Mackinder atribuía grande importância à política em seus estudos geográficos. Além disso, colocava como prioritários os assuntos estratégicos globais e a balança de poder entre os Estados, visto que esses atendiam mais adequadamente aos interesses da política externa inglesa no período. Ao contrário do pensamento de teóricos como Mahan, que acreditavam na grande importância do poder marítimo para a determinação de um país como uma potência mundial, Mackinder acreditava que a era das expansões marítimas e das descobertas de novas terras havia chegado a um fim e que a balança estaria passando por um período de transição a favor do poder terrestre (KEARNS, 2010, *apud* JONES et al., 2004).

Neste sentido, segundo ele, este novo período seria marcado indiscutivelmente pela disputa entre grandes potências imperiais. Essa situação dar-se-ia em razão da existência da área denominada “pivô geográfico” ou “Heartland”⁶, região localizada no

⁶ De acordo com Costa (2013), a região do Heartland compreenderia as terras localizadas no centro e na região norte da Eurásia, correspondendo de certa forma à antiga área da URSS e teria como característica principal a possibilidade de ampla mobilidade de sua população em todas as direções.

centro e norte da Eurásia, também conhecida como “Ilha Mundial”, de modo que o controle da mesma seria primordial para o domínio do mundo. Na visão de Mackinder, a Rússia era o império que teria a maior possibilidade de comandar futuramente esse polo de poder mundial, principalmente pelo fato de tanto o território russo como a porção de território entendido como Heartland estarem localizados praticamente na mesma região (FONT; RUFÍ, 2006). Para ele,

Tem existido e existem nessa zona as condições de uma mobilidade de poder militar e econômico que tem um caráter transcendente e, sem dúvida, ilimitado. A Rússia repõe o Império Mongol. Sua pressão sobre a Finlândia, Escandinávia, Polônia, Turquia, Pérsia, a Índia e a China recoloca os ataques centrífugos dos homens das estepes. Ocupa no mundo a mesma posição estratégica central que ocupa a Alemanha na Europa. Pode atacar por todos os lados e pode também ser atacada por todos os lados, exceto pelo norte. O completo desenvolvimento de sua moderna mobilidade ferroviária é simplesmente uma questão de tempo. Tampouco é provável que uma possível revolução social altere suas relações essenciais com os grandes limites geográficos de sua existência. Reconhecendo acertadamente os limites fundamentais de seu poder, seus dirigentes desfizeram-se do Alasca; deve-se isto ao fato de que não possuir nada sobre o mar é para a política russa uma lei tão fundamental como para a Inglaterra é manter o domínio do oceano (MACKINDER, 1904, *apud* COSTA, 2013, p.81).

Essa zona pivô, sendo dominada por um Estado pivô, tinha, para Mackinder, meios de expandir o seu poder em uma escala global, até porque não haveriam outras potências continentais com capacidade para se opor ao domínio do Império Russo. Além disso, no caso de uma futura aliança entre a Rússia e a Alemanha, Mackinder acreditava na possibilidade do surgimento do que é designado por ele como um “império do mundo”. Em sua visão, o “poder terrestre” teria a capacidade de desestabilizar o equilíbrio mundial de poder existente até então, o qual era dividido entre as potências, principalmente a Inglaterra, as quais dotavam-se de estratégias voltadas para o domínio dos oceanos e da periferia do Heartland (COSTA, 2013). Segundo Mackinder “quem domina o Leste Europeu comanda o Heartland, quem comanda o Heartland comanda a Ilha Global e quem comanda a Ilha Global comanda o mundo” (MCCOLL, 2005, p.408, tradução nossa).

Um dos maiores expoentes da corrente de pensamento eurasianista na Rússia atualmente é Alexander Dugin, que elaborou no início dos anos 90 um conceito particular de Eurasianismo, salientando a importância da localização geográfica da Rússia no centro do Heartland europeu na determinação da cultura e da política russa. Dugin acredita no

determinismo geopolítico, de modo que para ele as condições geográficas criam civilizações com valores, aspirações e dinâmicas totalmente diferentes (HUNTER, 2004).

De modo a formular a sua teoria, Alexander Dugin teria se utilizado das teorias de geopolíticos clássicos como Mahan e Mackinder. Com base em seus estudos, Dugin definiu que as potências marítimas e terrestres, além de possuírem distintos imperativos geoestratégicos, são também culturalmente diferentes. Ao passo em que as sociedades marítimas seguem em grande parte o pensamento liberal, as sociedades terrestres norteiam-se geralmente por valores e tradições absolutas e centralizadoras. Deste modo, para Dugin, deveria ocorrer uma luta pelo domínio internacional entre as potências marítimas, como os EUA e o Reino Unido, e as potências terrestres, sendo elas personificadas na Rússia (SANTOS, 2008).

Dugin acredita que os interesses estratégicos da população russa devem ser orientados em uma perspectiva antiocidental, em razão da necessidade de se preservar a identidade de sua civilização. A criação de uma Rússia dominante do espaço eurasiático é o aspecto central da teoria de Dugin. De acordo com ele, os russos são etnicamente, culturalmente, psicologicamente, religiosamente e, acima de tudo, historicamente destinados a recriar a grandeza russa (BERMAN, 2001).

Na visão de Dugin, se a Eurásia é o centro do mundo, então a Rússia deve ser o centro da Eurásia. Para ele, todas as potências já teriam tido a ambição de dominar esta região, mas a Rússia, com sua posição geográfica e experiência de dominação no território e em seus recursos, seria a mais adequada para enfrentar os Estados Unidos pelo poder na região. Segundo ele, “somente uma integração continental na Eurásia, com a Rússia em seu centro, poderia garantir aos povos e aos Estados a soberania e uma segurança autêntica”. Além disso, o mesmo afirma que “o novo império” deve ser um “império eurasiático”, para que possa controlar esse grande espaço e, então, dominar o mundo (DUGIN, 2000 *apud* MARCU, 2007).

Outro importante adepto das teorias Eurasianistas é o líder do Partido Comunista russo Ghenadi Ziuganov. Em sua visão, a Rússia possui duas missões civilizatórias, a de definir uma “autarquia político-econômica” e a de construir uma “grande área” em suas fronteiras naturais, de modo a oferecer uma segurança total para os seus habitantes (ȚUȚUIANU, 2013). Para ele, ao resistir à globalização e afirmar a sua “natural posição hegemônica como poder continental eurasiático”, a Rússia pode se utilizar de seu passado comunista e de sua herança Eurasiana para promover seus interesses,

principalmente na obtenção de controle sobre o Heartland, de modo a garantir a segurança do Estado Russo (ZYUGANOV, 1997 apud O'LOUGHLIN, 2000).

Compreende-se então, que a partir da queda da União Soviética e dos conflitos provenientes da mesma, teria se originado entre os teóricos russos uma busca pelo melhor caminho a ser seguido pelo país de modo a reestruturar-se e reinserir-se no sistema internacional. Ao passo em que essas novas teorias geopolíticas foram surgindo, traços de seus preceitos puderam ser visualizados na condução da política externa russa durante os anos posteriores ao fim do regime, o que pôde ser percebido na adoção de uma postura mais subserviente ao Ocidente por Gorbachev e Yeltsin, e, posteriormente, pela tentativa de recuperação do poder russo durante o governo de Vladimir Putin e Dmitri Medvedev, conforme se verá a seguir.

A POLÍTICA EXTERNA RUSSA DURANTE O SÉCULO XX: DE PUTIN À MEDVEDEV (2000-2012)

Acredita-se que a escolha de Vladimir Putin para sucessão de Yeltsin tenha se dado principalmente em razão de seu caráter disciplinado, pragmático e racional, além do fato do mesmo ter desempenhado um importante papel como dirigente do Serviço Federal de Segurança da Federação Russa (FSB)⁷ entre os anos de 1998 e 1999, sendo esta uma característica importante, levando-se em consideração que todos os possíveis candidatos à presidência na época pertenciam à órgãos de segurança russos, particularidade esta requisitada pela própria elite russa em razão da necessidade de um líder forte e capaz de restaurar a ordem e a estabilidade no país. Além disso, sua imagem de líder sério e dinâmico divergia de modo positivo das características de Boris Yeltsin, fazendo com que Putin fosse aceito tanto por aqueles que queriam a continuidade das políticas até então adotadas, como por aqueles que exigiam mudanças no sistema (COLIN, 2007).

No decorrer dos anos 2000, após se verificar uma melhoria da situação econômica russa durante o governo de Putin, observou-se uma mudança estratégica na condução da política externa do país, na qual se teve um abandono da política mais colaboracionista em relação ao Ocidente, em virtude da tentativa de retomar o seu poder e

⁷ A FSB é um órgão federal de segurança russo e um dos principais sucessores da KGB. Suas funções primordiais são: conter o terrorismo no país; proteger e defender as fronteiras russas; proteger o mar territorial, as águas marítimas internas e a plataforma continental, juntamente com seus recursos naturais; garantir a segurança das informações secretas russas e exercer as funções básicas dos serviços federais de segurança especificados na legislação russa, bem como coordenar os esforços de contra inteligência dos órgãos executivos federais (GOVERNMENT OF THE RUSSIAN FEDERATION, 2015).

também de consolidar seu papel como uma potência regional. Em decorrência dessa mudança de postura por parte da Rússia, observou-se uma modificação em seu relacionamento com os EUA, o qual passou a ter mais atritos e se manteve com a tentativa por parte dos Estados Unidos de diminuir o poder russo, e também com a Europa, em que se tinha uma relação de maior nível de complexidade, em razão da grande interdependência entre ela e a Rússia, principalmente no que concerne ao setor energético (MAZAT; SERRANO, 2012).

De acordo com Adam (2011), o maior objetivo da política externa russa durante o governo de Vladimir Putin era o de recuperar o status da Rússia como uma grande potência no sistema internacional. A década de 1990 teria sido um período difícil para o país, em razão das crises políticas, econômicas, sociais e identitárias, entretanto, apesar do enfraquecimento do Estado russo na época, isso não teria sido o bastante para destruí-lo. Segundo Adam, “a Rússia deveria, então, reconquistar o seu *status* de potência fundamental e indispensável no jogo político internacional, pois este seria o lugar que historicamente lhe competiria” (ADAM, 2011, p.46).

Essa ideia de Putin e de seus aliados sobre a condição russa seria partilhada não somente pela elite, mas também por pessoas pertencentes a todas as classes sociais, situação para a qual se pode atribuir a expressão *derzhavnost*, que pode ser entendida como o sentimento de que a Rússia seria por natureza uma grande potência (LEGVOLD, 2007 apud ADAM, 2011). Para Adam (2011), esse sentimento russo pôde ser visualizado no período de Yeltsin (1991- 1999), no qual, mesmo com as graves dificuldades econômicas enfrentadas na época e com a perda do poder do país no cenário internacional, ocorriam críticas ao governo devido à sua subserviência ao Ocidente, o que iria contra às tradições russas. Além do sentimento, também se tinha nas lideranças russas a ideia de que seria necessário para uma grande potência a posse de uma zona de influência, na qual seus interesses fossem predominantes. Este fato não estaria ligado unicamente à projeção e a maximização do poder, mas também com a segurança do Estado. Segundo Adam,

devido ao seu passado de guerras e invasões, provenientes praticamente de todos os pontos cardeais, sedimentou-se na Rússia a necessidade de contar com uma esfera de proteção que ultrapasse as suas fronteiras, a fim de manter a segurança do país e, especialmente, do seu núcleo, Moscou. No período soviético, por exemplo, as demais repúblicas socialistas soviéticas cumpriam esta função, pois mesmo que fizessem parte de um único Estado, a principal república, sem dúvida, era a russa (ADAM, 2011, p.47).

Segundo Erşen (2004), apesar de Putin haver sido inicialmente aclamado por Eurasianistas em razão de medidas adotadas tanto na esfera nacional quanto na internacional, deve-se ter em mente que desde o início de seu governo ele nunca haveria adotado uma linha de política externa totalmente Eurasianista. O que Putin teria alcançado no âmbito interno estaria muito mais de acordo com os ideais eurasiáticos, isto principalmente pelo fato de Putin ter se mostrado um líder mais autoritário, capaz de continuar com as reformas econômicas liberais iniciadas por Yeltsin, mas com um maior controle sobre a Federação Russa.

Entretanto, de acordo com Erşen (2004), apesar de não adotar uma política completamente Eurasianista, os elementos dessa corrente podem ser observados em alegações feitas por Putin, como por exemplo no discurso proferido à Assembleia Federal em julho de 2000, em que o mesmo promete “restaurar ao país a sua posição de grande Estado e evitar o perigo do desafio sistêmico para a soberania russa e integridade territorial por parte das forças que lutam por uma reestruturação geopolítica do mundo” (SHLAPENTOKH, 2002, p. 134). Seguindo essa mesma linha, Putin ainda teria afirmado em novembro de 2000 que “a Rússia sempre teria se sentido como um país Eurasiático” (ERŞEN, 2004, p.147). Além disso, sua defesa de uma política externa baseada no ‘multipolarismo’ também estaria de acordo com os ideais eurasiáticos.

No entanto, independentemente de possuir aspectos eurasiáticos em sua política, Putin teria sido desde o início um pragmático, ao passo em que compreendia a inviabilidade de adotar uma política externa reacionária e ultra-nacionalista, tendo-se em vista a diferença de poder existente entre a Rússia e as outras superpotências após o final da Guerra-Fria (ERŞEN, 2004). Em relação a essa postura política, Putin teria afirmado que, a princípio, fazia negócios com qualquer país, desde que isso se mostrasse benéfico para a Rússia. Deste modo, o aspecto ideológico seria abandonado no que tange à política externa, passando esta a ser guiada pelos interesses nacionais. A parceria com o Ocidente continuaria, mas a Rússia não deixaria de estabelecer relações com países que por ela fossem considerados estratégicos (ADAM, 2011).

Esse pragmatismo também teria levado Putin a atribuir grande importância às relações multilaterais e bilaterais, sendo a escolha por uma delas determinada pelo interesse russo em cada ocasião. No que tange ao espaço pós-soviético, inicialmente foi preferível para Putin a utilização de relações bilaterais como forma de afirmar a influência russa sobre a região, visto que a CEI não era percebida como organismo institucionalmente avançado e não possibilitava que a Rússia reafirmasse de modo efetivo o seu controle sobre seus países

vizinhos, mas também porque os países pertencentes ao antigo espaço soviético procuravam se alinhar à organizações que objetivavam contrabalancear o poderio russo, como por exemplo a GUUAM⁸, ou abandonavam as que fossem comandadas predominantemente pela Rússia, como no caso da Organização do Tratado de Segurança Coletiva da CEI (OTSC)⁹, no ano de 1999. Entretanto, também houve iniciativas para o estabelecimento de relações multilaterais, como pôde ser verificado pela própria assinatura do Tratado de Segurança Coletiva da CEI e pela criação da Operação para a Cooperação de Xangai (OCX) (ADAM, 2011).

De acordo com Mazat (2013), com a chegada de Putin à presidência, a Rússia teria passado a se opor às tentativas de enfraquecimento de seu poder geopolítico por parte dos Estados Unidos. Entretanto, não foi possível evitar que países que antes se encontravam sob sua esfera de influência como Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Romênia, Bulgária, Hungria, Estônia, Letônia e Lituânia aderissem à OTAN. Isso teria feito com que os russos se sentissem cada vez mais cercados tanto pela OTAN quanto pela União Europeia. Devido a esta situação, a partir do governo de Putin a Rússia teria passado a se esforçar para recuperar o seu domínio geopolítico sobre o espaço da antiga URSS. A intenção da mesma era fazer com que fosse respeitada a chamada “linha vermelha”, que seria correspondente às fronteiras existentes no período soviético, sendo os países bálticos uma exceção neste caso.

No que tange aos recursos naturais existentes no território russo, Putin defenderia que os mesmos serviriam como importantes bases para o restabelecimento da influência russa no cenário internacional. Essa importância dada aos meios econômicos como forma de fortalecer o país externamente teria representado uma inovação na política externa russa, tendo-se em vista que a mesma era baseada anteriormente na valorização do poderio militar do país e na utilização, ou possibilidade de utilização, do uso da força para atingir seus objetivos. Entretanto, apesar desse novo fator em jogo, o elemento militar não deixou de ser considerado nas estratégias russas (ADAM, 2011). Segundo Adam (2011), muitos analistas de política externa russa acreditam que haveria no governo de Putin uma

⁸ Fundada em 1997 pela Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão e Moldávia, inicialmente tendo o nome de Guam, o qual, dois anos depois, acabou virando GUAAM com a entrada do Uzbequistão. A organização tinha como objetivo principal deter o controle russo sobre o complexo regional de segurança pós-soviético, fato que podia ser percebido pela intenção da organização de aumentar suas relações com a OTAN e de criar um corredor comercial que ligaria a Ásia, a Europa e o Cáucaso do Sul (ADAM, 2011).

⁹ O Tratado de Segurança Coletiva foi assinado em 1992 pela Rússia, Cazaquistão, Armênia, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, tendo posterior adesão da Geórgia, Belarus e Azerbaijão. O tratado entrou em vigor em 1994 e tinha como objetivos iniciais: possuir uma estrutura única de segurança comandada pela Rússia, tendo unidades militares russas espalhadas pelo território da CEI; controlar os bens das Forças Armadas da extinta URSS; e possuir um mecanismo integrado para a solução de conflitos no espaço pós-soviético (JESUS, 2014).

combinação de meios econômicos com interesses geopolíticos, tendo isso em vista, o mesmo afirma:

O controle de uma zona de influência, a competição por espaços e recursos localizados em territórios de outros Estados, as políticas de aproximação e afastamento de uma ou de outra de acordo com as circunstâncias são exemplos da permanência das considerações geopolíticas na condução da política externa da Rússia. Diante disso, a tática empregada pelo governo Putin tendo em vista os seus objetivos se aproximaria de algo como uma geoeconomia política (ADAM, 2011, p.51).

No caso de Medvedev, de acordo com Aneek (2010), seguindo a mesma linha de Putin, esse teria continuado com a política de diplomacia econômica da Rússia. Também teria se utilizado da economia russa e de seus amplos recursos energéticos como forma de estabelecer a posição russa na política internacional e teria mantido o país como o maior exportador de armas e de energia no mundo. Segundo o relatório do CIDOB (2010), o objetivo principal da política externa russa sob o comando de Dmitry Medvedev era a integração da Rússia com a comunidade internacional em pé de igualdade e respeito com a OTAN e a EU, mas sem deixar de levar em conta o pragmatismo na política internacional, de modo a procurar sempre realizar ações que estivessem de acordo com os interesses russos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razão da nova realidade geopolítica instaurada no cenário internacional após o final Guerra Fria, na qual se verifica um enfraquecimento da Rússia frente à outros países e um estado de dúvida sobre o local a ser ocupado pela mesma nesse novo contexto, teria se iniciado uma busca pelos meios mais adequados para reinserir o país nessa nova ordem mundial. Em um primeiro momento, a Rússia teria procurado uma maior aproximação com o Ocidente, em especial com os Estados Unidos. Entretanto, a partir do governo Putin, nota-se o abandono de uma postura que seria vista por muitos como subserviente aos EUA, ao passo em que o novo governante tem como objetivo fortalecer o país e consolidar o seu status como uma potência regional.

Devido à situação de crise política e econômica na qual a Rússia estava inserida e da situação de instabilidade existente na região do antigo espaço soviético, proveniente dos conflitos existentes entre os países e grupos étnicos ali existentes, originou-se entre os teóricos russos uma busca pelo melhor caminho a ser seguido pelo país de modo que o

mesmo pudesse vir a se reestruturar e buscar a reinserção no sistema internacional. Ao passo em que essas novas teorias geopolíticas foram surgindo, traços das mesmas puderam ser visualizados na condução da política externa russa durante os anos posteriores ao fim do regime, caso que pôde ser verificado durante o primeiro e o segundo mandato do governo de Vladimir Putin e durante o governo de Dmitri Medvedev.

Com a chegada de Putin ao poder e com o posterior governo de Medvedev, a Rússia teria tentado fortalecer o seu papel no cenário internacional, utilizando-se de uma política externa mais pragmática e de seus recursos energéticos para alavancar a sua economia e se fazer mais presente no jogo político. A mesma também teria voltado seus olhos para a importância de seus países vizinhos, procurando fortalecer os laços existentes com eles por meio de organismos como a CEI. Apesar das eventuais dificuldades em exercer a sua influência na região do antigo espaço soviético, devido as diferenças étnicas e os conflitos existentes entre esses países, esses territórios ainda representariam uma área que se vê como crucial para a Rússia, ao passo em que são fundamentais para a proteção de suas fronteiras, para a ampliação de seu poderio e para o crescimento de sua economia.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin. A Rússia e os Países da Comunidade dos Estados Independentes no Início do Século XXI. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (Org.). **Uma longa transição: Vinte anos de Transformações na Rússia**. Brasília: Ipea, 2011.

ANEK, Chatterjee. **International Relations Today: Concepts and Applications**. New Delhi: Pearson, 2010.

BERMAN, Ilan. Slouching toward Eurasia? **Perspective**, v. 12, n.1, setembro-outubro de 2001.

CIDOB. La política exterior de la Federación Rusa. **Anuario Internacional CIDOB**. Federación Rusa, perfil de país, 2010.

COLIN, Roberto. **Rússia: O Ressurgimento da Grande Potência**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2007.

COSTA, Wanderley Messias. **Geografia política e geopolítica**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2013.

ERŞEN Emre. Neo-Eurasianism and Putin's 'multipolarism' in russian foreign policy. **Turkish Review of Eurasian Studies**, 2004.

_____. The Rise of Geopolitics in Russia in the Post-Cold War period. **Turkish Review of Eurasian Studies**, Annual 5, 2005, pp. 27-61.

FONT, Joan Nogué; RUFÍ, Joan Vicente. **Geopolítica, Identidade e Globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

GASPAR, Carlos. A Rússia e a Segurança Européia. **Nação e Defesa**, Instituto Português de Relações Internacionais, 2004. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=3&ida=103>>. Acesso em: 24/05/2015.

GOVERNMENT OF THE RUSSIAN FEDERATION. **Federal Security Service**. Disponível em: <<http://government.ru/en/department/113/>>. Acesso em: 24/05/2015.

HUNTER, Shireen. **Islam in Russia: The Politics of Identity and Security**. New York, 2004.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introduction to International Relations: Theories and Approaches**. United Kingdom: Oxford, 2013.

JESUS, Diego Santos V. de. A memória do futuro: a Rússia e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva. **Inter-Relações**, n° 40, 2014.

JONES, Martin; JONES, Rhys; WOODS, Michael. **An Introduction to Political Geography: Space, Place and Politics**. New York: Routledge, 1 ed., 2004.

LYNCH, Allen. The Restructuring of Soviet Foreign Policy. **Bulletin of the atomic scientists**, V.5, n.2, March of 1988.

MARCU, Silvia. La Geopolítica de la Rusia Postsoviética: Desintegración, Renacimiento de una Potencia y Nuevas Corrientes de Pensamiento Geopolítico. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, Vol. XI, núm. 253, 1 de diciembre de 2007.

MAZAT, Numa. **Uma Análise Estrutural da Vulnerabilidade Externa Econômica e Geopolítica da Rússia**. 261 f. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A Geopolítica das Relações entre a Federação Russa e os EUA: da “Cooperação” ao Conflito. **OIKOS**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, 2012.

MCCOLL, R. W. **Encyclopedia of World Geography**. New York: Golson Books, Vol. 1, 2005.

MIKHAILOVA, Irina. Sistema Planificado na União Soviética: lições históricas e visão atual. **Anais do XL Encontro Nacional de Economia**, ANPEC - Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia, 2014.

O'LOUGHLIN, John. Geopolitical Fantasies, National Strategies and Ordinary Russians in the Post-Communist Era. **Annual Meeting of the Association of American Geographers**, Pittsburgh, PA, 2000.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas**. São Paulo: UNESP, 2003.

SANTOS, Eduardo Silvestre dos Santos. A Geopolítica Russa: De Pedro “O Grande” a Putin, a “Guerra-Fria”, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. **Revista Militar**. 22 de junho de 2008.

SEGRILLO, Angelo. **O fim da URSS e a nova Rússia**: De Gorbachev ao pós-Yeltsin. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SERGOUNIN, Alexander. **Russia**: IR at Crossroads. In: International Relations Scholarship Around the World. Edited by Arlene B. Tickner and Ole Wæver. New York: Routledge, 2009.

SHLAPENTOKH, Vladimir. **Is the ‘Greatness Syndrome’ Eroding?**. The Washington Quarterly, Winter 2002.

ȚUȚUIANU, Simona. **Towards Global Justice**: Sovereignty in an Interdependent World. Netherlands: Springer, 2013.